

Educação descolonial: problemáticas em tempo de COVID-19

Educación decolonial: problemas em la época del COVID-19

Marcela dos Santos Ortiz¹

Marcos Antônio Bessa-Oliveira²

Resumo

O cenário educacional mudou desde o anúncio feito pela Organização Mundial da Saúde (OMS) sobre a pandemia COVID-19, que recomendou o isolamento social e consequentemente fez com todas as disciplinas sofressem a mutação para o modo on-line. Entretanto, vários questionamentos passaram a ser feitos por educadores latino-americanos, como o trabalho remoto contemplaria as disciplinas que necessitam da fisicalidade do corpo como Educação Física? Como lidar com as dificuldades do acesso de alunos/as que não possuem recursos tecnológicos? Como ficam as questões educacionais frente aos efeitos colaterais da pandemia? Portanto, nos propusemos, por meio de uma perspectiva descolonial *biogeográfica* fronteiriça de discussão – que compreende no Ocidente os corpos vivos, da ciência, corpos de saberes/conhecimentos ou o corpo físico inscrito sempre por uma perspectiva moderna de classificação ou no máximo pelo viés pós-moderno de *biopolítica* – abordar como tem se constituído o ensino em modo remoto sob viés de uma educação e pedagogia descolonial. Como estão sendo demarcados os corpos *outros* para além dos já tristemente mortos pela COVID-19, corpos latino-americanos, corpos dos sujeitos educacionais (alunos/as, professores/as), corpos silenciados pelos encontros virtuais, corpos que sofrem com as mazelas sociais: fome, violência doméstica, racismo, entre outros. Corpos que importam, corpos que sentem e que são diariamente qualificados por categorias colonial e/ou globalizante de governanças.

Palavras-Chave: Corpos; COVID-19; Descolonial; Educação.

Resumen

El panorama educativo ha cambiado desde el anuncio realizado por la OMS sobre la pandemia COVID-19, que recomendaba el aislamiento social y en consecuencia provocó que todos los sujetos cambiaran al modo online. Sin embargo, varias preguntas empezaron a ser hechas por parte de los educadores latinoamericanos, ¿cómo contemplaría el trabajo a distancia las disciplinas que necesitan la fisicalidad del cuerpo como la Educación Física? ¿Cómo manejar las dificultades de acceso de los alumnos que no disponen de recursos tecnológicos? ¿Cómo quedarán los problemas educativos delante de los efectos secundarios de la pandemia? Por lo tanto, nos proponemos mediante una perspectiva de discusión de frontera *biogeográfica* descolonial - que comprende en el Occidente los cuerpos vivos, de ciencia, cuerpos de conocimiento / conocimiento o el cuerpo físico siempre inscrito por una perspectiva moderna de clasificación o en el máximo por un sesgo posmoderno de la *biopolítica* - abordaremos cómo la enseñanza se ha constituido de forma remota bajo el sesgo de la educación y la pedagogía descoloniales. Cómo se están demarcando cuerpos distintos a los ya tristemente asesinados por COVID-19, cuerpos latinoamericanos, cuerpos de sujetos educativos (estudiantes / docentes), cuerpos silenciados por

¹ Mestranda no Programa de Pós-Graduação Mestrado Profissional em Educação – PROFEDUC/UEMS, Membro do NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq; Campo Grande, Mato Grosso do Sul Brasil; anabresolinps@gmail.com.

² Pós-doutorando em Estudos de Linguagens (FAALC-UFMS); Professor na UEMS (Graduação em Artes Cênicas, Dança e Teatro e no PROFEDUC) e Coordenador do NAV(r)E – Núcleo de Artes Visuais em (re)Verificações Epistemológicas – UEMS/CNPq; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, Brasil; marcosbessa2001@gmail.com.

encuentros virtuales, cuerpos que padecen males sociales: hambre, violência intrafamiliar, racismo, entre otros. Cuerpos que importan, que se sienten y son diariamente calificados por categorías de gobernanza colonial y/o globalizadora.

Palabras clave: Cuerpos; COVID-19; Decolonial; Educación.

1. Reflexões Introdutórias

Já estamos há quase seis meses mergulhados em uma pandemia do COVID-19 que mudou completamente nossos hábitos, incluindo os educacionais, pois o ensino e as disciplinas sofreram mutações e agora são oferecidos remotamente (on-line). A escola parou! Somados a essa realidade de paralisação de aulas presenciais estamos submersos em notícias de vidas sendo ceifadas dia após dia e uma enxurrada de outros informes que mostram os efeitos colaterais da pandemia que, em sua maioria, são negativos, principalmente para os grupos já excluídos antes da quarentena, como as mulheres, indígenas, negros e menos favorecidos financeiramente.

A pandemia nos impôs restrições e nos empurrou ao mundo virtual, *lives*, vídeos, áudios, textos escritos em aplicativos entre outras coisas. Obviamente isso tudo mudou a rotina todos/as, pais/mães, professores/as, alunos/as, e inseriu constantes indagações aos profissionais da educação: como o trabalho remoto contemplaria as disciplinas que necessitam da fisicalidade do corpo como Educação Física? Como lidar com as dificuldades do acesso de alunos/as que não possuem recursos tecnológicos? Como ficam as questões educacionais frente aos efeitos colaterais da pandemia?

Neste momento, onde fazemos uso da educação à distância, esta pode parecer adequada se visualizada sob o crivo da ciência moderna, pois não há como o ensino ser mais neutro do que neste período, sujeitos que agora têm de forma veemente seus corpos fragmentados em aspectos ligados ao físico e ao intelectual. Pressupomos que todo /as têm acesso à internet ou a aparatos tecnológicos, que conseguem auxílio no realizar das atividades, que estão em condições que favorecem o aprendizado, bem alimentados, seguros e em casa.

Uma educação descolonial está sempre atenta aos sujeitos, suas narrativas, suas *experivivências* e seus corpos. É preciso salientar que um olhar pedagógico e descolonial já se constitui enquanto uma problemática em ambiente escolar, pois o mesmo geralmente valoriza muito mais os conteúdos e componentes curriculares tido como “sem corpo” ou ainda aquele que privilegie o corpo dócil estático e sentado pronto a ‘receber’ conhecimentos/saberes quase que em uma espécie de osmose. Por isso, (re)pensar esses corpos se tornou fundamental, essencial e emergencial.

Segundo Boaventura de Sousa Santos (2020) qualquer quarentena é discriminatória especialmente aos grupos que já sofrem marginalização muito antes dela, esse é o caso por exemplo, de crianças pobres sem acesso a celulares, *tablets*, computadores e internet. De modo que esses sujeitos-crianças ficam agora à *mercê* de seus responsáveis para o auxílio no realizar de tarefas, que obviamente terá uma preocupação muito mais voltada ao preencher e fazer, do que no pensar, no sentir, no perceber-se, no construir saberes práticas essas comuns e fundamentais em um fazer sendo descolonial.

É preciso pensar nestes sujeitos educacionais (professores/as e alunos/as) sob a perspectiva de um corpo vivo, como pontua Boaventura de Sousa Santos (2019, p.149) “O caráter corpóreo do conhecimento que mobiliza os indivíduos lutadores implica que o conhecimento nunca é mobilizado apenas com base em razões, conceitos, pensamentos, análises ou argumentos”.

Nesse sentido é que encontramos e escrevemos sob formas *outras* de vivenciar a educação descolonial nesses corpos latino-americanos e brasileiros, para um conhecimento/saberes que transcendam as paredes impostas pela lógica da modernidade e seus princípios como neutralidade, universalidade e igualdade, que se constituem na prática em formas de excluir e marginalizar ainda mais sujeitos *outros*. Nesse intento, o corpo nas aulas remotas é em sua maioria pautado no modelo moderno eurocêntrico fragmentado no intento de torná-lo mais produtivo. Obviamente, aqui cabe o questionamento: mais produtivo para quem?

2. Considerações em construção

Entendemos que a educação descolonial e o fazer pedagógico embasados nessa perspectiva não deve tomar para si o caráter de verdade absoluta, inquestionável ou perfeita. É preciso estar aberto ao movimento do ser-fazendo descolonial, a autocrítica e críticas especialmente as advindas das *experivivências* e sujeitos subalternos e nesse redesenhar educativo que a proposta deste artigo apresenta.

Referências

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio, O CORPO DAS ARTES (CÊNICAS) LATINAS AINDA É RAZÃO E EMOÇÃO! “Quando essa porra toda explodir, ai Eu quero é ver!” 2019 p. 92-93-100. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/cadec/article/view/9711> Acesso em: 20 maio de 2020.

BESSA-OLIVEIRA, Marcos Antônio. **Ensino de Artes X Estudos Culturais: para além dos muros da escola**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia saberes necessários á pratica educativa**. 13ª Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia*. São Paulo, Paz e Terra, 1996.

MIGNOLO, Walter. Desafios Decoloniais Hoje. *Epistemologias do Sul*, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), pp. 12-32, 2017

MIGNOLO, Walter D. **A colonialidade de cabo a rabo: o hemisfério ocidental no horizonte conceitual da modernidade**. In: LANDER, Edgardo et al. (Ed.). *A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais: perspectivas latino-americanas*. Buenos Aires: CLACSO, 2005.

NETO, M, João Colares da. *Por uma pedagogia decolonial na América Latina: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda*./João Colares da Mota Neto. - Curitiba: CRV, 2016.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Para uma Pedagogia do Conflito**; In: SILVA, Luis Heron da (Org.) *Novos mapas culturais, novas perspectivas educacionais* Porto Alegre: Sulina, 1996.

SANTOS, Boaventura Sousa. **O fim do império cognitivo**. Belo Horizonte. Autêntica, 2019.

SANTOS, Boaventura Sousa. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020. E-book.